

FATOS SOBRE DESASTRES

A situação

O risco de perda de vidas e danos materiais provenientes de desastres naturais está aumentando no planeta. Mais de 226 milhões de pessoas são afetadas por desastres a cada ano. Com o crescimento populacional e o grande impacto das mudanças climáticas, há mais pessoas vivendo em áreas de risco, onde estão expostas aos perigos de eventos naturais.

Entre 1970 e 2010, a proporção da população que vive em bacias hidrográficas sujeitas a inundações aumentou 114%, já em regiões costeiras expostas à ciclones o aumento foi de 192%. As cheias de 2011 na Tailândia custaram 40 bilhões de dólares e levaram a uma queda estimada de 2,5% na produção industrial global. A nuvem de cinzas vulcânicas que afetou a Europa em abril de 2010 teve um custo estimado de 4,7 bilhões de dólares no PIB global por conta de semanas de incertezas sobre a segurança aérea dos voos comerciais.

O risco de perda econômica está aumentando. Desde 2000, os desastres custaram mais de 1,4 trilhão de dólares. As perdas anuais subiram para mais de 200 bilhões de dólares, sendo que o maior prejuízo foi em 2005, o ano do furacão Katrina nos Estados Unidos. O terremoto e o tsunami no Japão deixaram uma clara mensagem de que tanto os países desenvolvidos como os em desenvolvimento estão expostos aos elevados riscos.

O risco de desastres representa um grande desafio ao desenvolvimento sustentável. Terremotos, inundações, secas, furacões e tsunamis têm impactos devastadores sobre as pessoas, o meio ambiente e as economias. Os níveis de risco estão aumentando em razão de fatores como as alterações climáticas, a pobreza, as falhas de planejamento e gestão no ordenamento territorial e a degradação dos ecossistemas. As instituições de governança podem ter uma grande influência no enfrentamento e na capacidade de adaptação das comunidades locais.

O Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas ([PNUD](#)) estima que mais da metade das supercidades do mundo, com populações entre 2 e 15 milhões, correm o risco de sofrer com terremotos de magnitude sete ou mais. Várias cidades com alta densidade populacional, como Tóquio, Cidade do México, Porto Príncipe, Istambul e Catmandu estão localizadas perto de falhas geológicas que provavelmente vão causar terremotos. Essas cidades também enfrentam crescentes perdas econômicas e sociais. Em apenas 35 segundos, o terremoto de 2010 no Haiti custou ao país 100% do seu PIB.

Pequenos Países Insulares em Desenvolvimento (SIDS, na sigla em inglês) são especialmente vulneráveis por causa da maior exposição a choques externos, como o aumento dos impactos advindos das alterações climáticas, além de sofrerem mais com as recentes crises econômica, alimentar e de combustível.

De acordo com a Estratégia Internacional das Nações Unidas para a Redução de Desastres (UN/ISDR), mulheres e crianças são 14 vezes mais propensas que homens a morrer durante um desastre.

No entanto, pessoas e locais são resilientes e podem se recuperar rapidamente. A redução do risco urbano dá oportunidades para investimentos financeiros no aprimoramento da infraestrutura; na construção de sistemas de eficiência e segurança energética; na renovação urbana; na implementação de fontes mais limpas de energia; na urbanização de favelas. No leste da Ásia e do Pacífico, os riscos de morte em enchentes e ciclones diminuíram dois terços desde 1980 em função dos esforços no gerenciamento de redução de desastres.

A redução dos riscos de desastres gera muitos benefícios econômicos, ambientais e sociais. Por exemplo, a melhoria na gestão da água pode diminuir o risco de secas e, ao mesmo tempo, aumentar a geração de energia hidroelétrica, melhorar a capacidade de armazenamento de água para utilização agrícola e aumentar a disponibilidade de água potável doméstica. Os ecossistemas podem ser uma barreira protetora e amortecedora dos riscos naturais salvando vidas e bens, protegendo as culturas de subsistência e preservando o meio ambiente.

Fatos-chave

Entre 2002 e 2011 foram registrados 4.130 desastres naturais no mundo, nos quais mais de 1,117 milhão de pessoas morreram e um mínimo de 1,19 trilhão de dólares foram contabilizados em perdas financeiras.

O risco de se perder riquezas em desastres está superando a capacidade de criação de riquezas. Desde 1980, nos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento (OCDE), o risco de perdas econômicas provenientes de enchentes aumentou em mais de 160% e de ciclones tropicais aumentou 265%. Essas perdas estão aumentando mais rápido do que o PIB per capita.

Menos de 0,7% do total gasto em ajuda humanitária é aplicado na redução do risco de desastres, o que contribui para o crescimento econômico ao reduzir perdas e proteger os meios de subsistência. Também afeta os programas de redes de segurança social, abrindo novas possibilidades para o desenvolvimento do capital social e seus bens.

Em média, 102 milhões de pessoas são afetadas todos os anos pelas enchentes; 37 milhões por ciclones, furacões ou tufões e quase 366 mil por deslizamentos de terra. As inundações contabilizam 15% de todas as mortes causadas por desastres naturais.

A maioria das 3,3 milhões de mortes causadas por desastres nos últimos 40 anos ocorreu em países mais pobres.

O que funciona

Nas Filipinas, um sistema permanente de gerenciamento de riscos de desastres foi criado na província de Albay, em 1995, para lidar com o alto risco de tufões, inundações, deslizamentos e terremotos. Com exceção de 2006 e 2011, não houve vítimas nos últimos 17 anos.

A Cidade do Cabo, na África do Sul, lançou o seu Centro de Gestão de Riscos de Desastres em outubro de 2011. A cidade é hoje um expoente na estratégia global da ONU para estimular os governos locais a tornarem-se mais ativos na gestão de desastres.

O sistema de alerta prévio de tsunamis no oceano Índico passou por um grande teste em abril de 2012, quando um terremoto de magnitude 8,6 ocorreu a 437 km ao sudoeste da cidade de Banda Achém, na Indonésia. Um alerta de tsunami foi emitido imediatamente para 28 países da região e a evacuação da população impediu perdas humanas e maiores danos materiais.

Propostas para a Rio+20

O Painel de Alto Nível sobre Sustentabilidade Global da Organização das Nações Unidas recomenda que os governos desenvolvam e implementem políticas para aumentar a resiliência - em particular através de programas e políticas específicas para a proteção social, além da intensificação da ajuda humanitária para lidar com o aumento do estresse e potenciais choques ambientais. A Rio+20 pode reforçar a importância de uma melhor compreensão e controle em áreas que correm riscos de desastres.

Um plano de desenvolvimento sustentável nunca estará completo se não incluir claras prescrições e aplicações práticas da gestão de riscos e desastres climáticos. As propostas para a Rio+20 devem destacar que a redução dos riscos de desastres precisa ser abordada no contexto do desenvolvimento sustentável e colocada dentro da agenda de desenvolvimento pós-2015.

Outras propostas incluem a ampliação da coordenação nacional, regional e internacional objetivando uma resposta efetiva a emergências ambientais, além da melhoria dos sistemas de alerta prévio. É necessária uma coordenação mais próxima entre a resposta de emergência, a recuperação antecipada e os esforços de desenvolvimento, incluindo a adoção do "Plano de Hyogo" e sua integração na política de desenvolvimento global.

Produzido pelo Departamento de Informação Pública das Nações Unidas, junho de 2012.